

Faltam remédios para combater toxoplasmose

LÍVIA NASCIMENTO

DA EQUIPE DO CORREIO

Grávida de três meses, a dona-de-casa Elisângela Duarte, 25 anos, está há 15 dias angustiada com a possibilidade do filho que ainda não nasceu ser afetado pela toxoplasmose. A doença infecciosa, causada pelo protozoário *Toxoplasma gondii*, é inofensiva para os adultos, mas pode ter seqüelas devastadoras para o feto, como a perda da visão. Exames de rotina do pré-natal detectaram a doença em 12 de novembro. Desde então, ela e o marido Onildo Tiotônio, 32, correm em busca dos medicamentos Rovamicina e Neo Folico, em falta na rede pública de saúde e que podem representar um custo mensal de R\$400 se comprado nas farmácias.

A dona-de-casa precisa tomar, diariamente, seis comprimidos de Rovamicina e dois comprimidos de Neo Folico. Cada caixa de Rovamicina custa R\$ 38,06 e contém 16 comprimidos. Para passar o mês são necessários 180 comprimidos da medicação, que deve ser tomada até o nono mês de gestação. De acordo com a Secretaria de Saúde, em 2008 foram registrados 63 casos da doença em gestantes e 26 casos de toxoplasmose congênita, quando o bebê é infectado pela mãe.

A carência dos remédios na

rede pública levou a defensora pública Emanuella Maria de Sábóia Furtado a entrar com uma ação na primeira Vara de Fazenda Pública contra o Distrito Federal. O processo pedia a antecipação de tutela para obrigar o governo a comprar os medicamentos em um prazo máximo de 48 horas, mas até o fechamento desta edição nenhuma decisão havia sido tomada.

Após a detecção da doença, Elisângela foi encaminhada para o Hospital Regional de Taguatinga (HRT) onde sua saúde é acompanhada no pré-natal de alto risco. No local, ela e o marido foram informados pela assistente social que apenas a farmácia do Gama teria o medicamento, mas por lá o remédio não chega há algum tempo — ao *Correio*, a farmácia informou que não recebe o remédio há cerca de três meses. Segundo um funcionário, a Rovamicina tem sido procurada por pessoas da cidade e de outros locais, como Planaltina e Ceilândia.

Ainda muito abalados com o diagnóstico, o casal que mora em Samambaia e espera o segundo filho conseguiu comprar três caixas de Rovamicina e duas caixas de Neo Folico para iniciar o tratamento. Mas os remédios, suficientes para apenas seis dias, terminaram ontem. “Fomos no HRT e conseguimos com a assistência social um cheque para

José Varella/CB/D.A Press



ELISÂNGELA ESPERA O SEGUNDO FILHO E TEME OS EFEITOS DA DOENÇA NO FETO. HÁ 15 DIAS NÃO ENCONTRA O MEDICAMENTO

comprar mais três caixas de Rovamicina, mas ela só vai durar outros três dias”, relatou Onildo.

Enquanto lutam pelo medicamento que pode garantir a saúde do filho, o casal reclama da falta de apoio do estado e da demora em resolver a questão. “No momento em que recebi a notícia chorei muito. Tenho medo de que a doença já tenha prejudicado o bebê. Imagine ter um filho deficiente para o resto da vida

por irresponsabilidade do governo?”, questionou Elisângela.

Seqüelas

De acordo com um médico da Secretaria de Saúde, após o resultado positivo o tratamento deve ser iniciado imediatamente. Ele explica que a mãe não corre riscos e que a maior vítima é o feto, ainda em formação, que pode ter retardamento mental, microcefalia e surdez. “Quanto

mais cedo iniciar o tratamento, menores são as chances de seqüela”, afirmou.

Segundo a Secretaria de Saúde, o Neo Folico está disponível, mas desde o ano passado não é feita a compra da Rovamicina em razão de não haver fornecedores nas licitações. A afirmação é desmentida por Onildo, que afirma ter procurado pelo Neo Folico nos postos de saúde 4, 6 e da Policlínica, em Taguatinga.